

# Engenheiro revela que crise sufoca até a elite

Da Sucursal

**São Paulo** — “A situação do País está levando a população à beira da descrença e do desespero. E não se limita apenas aos trabalhadores de baixa renda. Atinge também cidadãos que, antigamente, se consideravam da classe média, profissionais liberais, dirigentes empresariais e até empresários pequenos e médios, os quais vivem momentos cruciais em busca de sua sobrevivência”.

Esse é um trecho do discurso proferido pelo engenheiro Maçahico Tisaka, que foi empossado ontem, pelo segundo mandato consecutivo, na presidência do Instituto de Engenharia de São Paulo, entidade que reúne 25 mil profissionais em todo o País. Também tomaram posse ontem, para um mandato de dois anos, os vices Alfredo Mário Savelli, Gabriel Oliva Feitosa e Cláudio Amaury Dell’Acqua.

Desencanto, decepção, quase um pedido de socorro: o discurso do engenheiro Tisaka poderia ser definido assim, diante da exposição de fatos que hoje constituem assuntos polêmicos e obrigatórios quando se discute a realidade do País. Desencanto com a constatação de que a bandeira pela melhoria da produtividade, lançada quando assumiu a presidência do Instituto, há dois anos, resultou em iniciativa pouco produtora, que não conseguiu “reverter esse triste quadro econômico e social por que atravessa a Nação, esfacelada pelos sucessivos planos econômicos que não deram certo”.

Decepção quando conclui que os planos não dão certo porque “não contemplam políticas e mecanismos de produção de riquezas, bem articulados, de efeito imediato, que levem ao aumento da oferta e assim, forcem a queda dos preços e a consequente queda da inflação”. E também porque as estratégias em geral, adotadas pelos economistas do Governo para reduzir a inflação, têm sido na linha de reprimir a demanda através do aumento da taxa de juros, pelo enxugamento da liquidez, ou até pelo achatamento dos salários, “mas nunca

através de uma corajosa política de incentivo ao aumento da produção e de produtividade”.

É um quase pedido de socorro, depois de enumerar dados de recentes estatísticas, que mostram um quadro preocupante. Por exemplo: a queda de 4,6 por cento no PIB de 1990. “Isto significa que deixamos de produzir cerca de 16,3 bilhões de dólares, ou seja, o montante que desperdiçamos. Foi a maior queda desde 1947”. E mais: a participação dos salários no PIB caiu para 25 por cento. Nos Estados Unidos, isto representa 60 por cento do PIB. Outro dado exposto por Tisaka: a distribuição de renda também piorou: 50 por cento da população fica com 10,4 por cento da renda e um por cento dos mais ricos detém 17,3 por cento da renda nacional.

“Hoje, só em São Paulo, há cerca de 1,2 milhão de desempregados. Além disso, está havendo uma crescente deterioração dos costumes e responsabilidades do setor público, que não tem honrando seus compromissos, principalmente financeiros, estabelecidos em contratos, dos quais são credores as empresas privadas, tornando o chamado calote quase um hábito oficial, passível de se propagar e contaminar a sociedade. Quem vai nos tirar desses impasses? Em quem acreditar? A quem recorrer?”

O Instituto de Engenharia, fundado em 1917, congrega profissionais também de Arquitetura e Agronomia e tem atuado em diversas questões ligadas à produtividade, meio ambiente, transportes, habitação e tecnologia. A entidade já elaborou e apresentou ao Comitê Nacional do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade, uma proposta de Plano Diretor de Marketing. Este projeto pretende conscientizar e motivar todos os segmentos da produtividade e está sendo coordenado em conjunto com centenas de outras entidades. “A bandeira pela melhoria da produtividade desfraldada em 1989, se reproduziu, se multiplicou, espalhou-se pelo Brasil e agora chegou a hora de tornar esse desafio uma causa nacional”, conclamou.